

Crítica // Ritas ★★★★★

Som da liberdade

Ricardo Daehn

Sem extrema contundência ou impacto — mas na linha de uma despedida serena que contempla o olhar pelo retrovisor de uma carreira singular, Rita Lee estampa na tela o documentário Ritas, conduzido por Oswaldo Santana e Karen Harley.

Divertida e amalucada, a persona de Rita — já recolhida, em uma florida casa, de jardins cuidados pelo marido Roberto de Carvalho — abre um diário autêntico, com imagens e registros pessoais manipulados por ela própria. Um desfile de incontáveis sucessos (que somam Mania de você, Caso sério, Lança perfume e Cor de rosa choque) emoldura o cotidiano da avó coruja, fissurada nos gatos da casa e ainda no altar psicodélico e

anacrônico de funk pop, bonecos como C3-PO (de Star Wars) e figuras católicas.

Dona de uma data em sua homenagem (justo o 22 de maio de cada ano), a mulher que adulterou o dia do nascimento (deslocado em quase cinco meses) impressiona pela jovialidade e, no arquivo, pela associação em parcerias inusitadas como a de Gilberto Gil e João Gilberto (que, em 1980, a acompanhou em Jou Jou Balangandans, e decretou ser ela uma “roqueira com voz de bossanoveira”).

Ainda que com esmerada contribuição do pesquisador de imagens Antonio Venancio, não há como deixar de pontuar a superficialidade com a qual é tratada o suposto show de despedida dela, em que houve enfrentamento diante dos

REPRODUÇÃO



Rita Lee: sempre energética e vital

excessos de guarnição da Polícia Militar. O episódio, entretanto, não minimiza a

inejável postura destemida de Rita Lee, por anos, perseguida — sem maiores

êxitos — pela visagem daqueles contrários a sua candura debochada e libertária.

Crítica // Lilo & Stitch ★★★★★

Trama de aventuras

Difícil a missão do diretor Dean Fleischer Camp (indicado ao Oscar por Marcel, a concha de sapatos, em 2023): no mínimo se equipar ao feito de Chris Sanders e Dean DeBlois, a dupla que desenvolveu para a Disney a animação, agora, transformada em filme com atores de carne e osso. O original teve, em 2003, a magnitude de perder o Oscar para o clássico de Hayao Miyazaki A viagem de Chihiro, e ainda competidor, ao lado de A era do gelo.

Com muita liderança feminina, a trama do suposto cachorro azul (na verdade, a chamada “Experiência 626”

de origem alienígena) que cai na Terra, por motivo de exílio, para salvar o destino da pequena Lilo (a simpática Maia Kealoha), adota o aspecto praiano, de cores intensas e moderada tristeza exigida no enredo.

A comunhão em família promovida pelas aventuras de Stitch trazem novos ares para Nani (a sobrecarregada Sydney Agudong), irmã de Lilo. Menina esperta e forte, Lilo desmobiliza o bullying, e cria trilha própria. Já na trilha sonora, Elvis Presley tem resgate na medida justa, sem dose exagerada da produção de nostalgia.

DISNEY



Lilo e Stitch: trilha própria

Com demasiados tutores, Nani e Lilo viverão, com intenso laço amoroso, as provas de um enredo sem fórmula fácil. Entre os atores que

desaparecem no papel estão Tia Carrere (na pele de Kekoa), o humorista Zach Galifianakis (Jumba) e Billy Magnussen (o príncipe do musical Caminhos

da floresta), na pele de Pleakley. Atente para a dublagem original de Stitch, a cargo de Chris Sanders (autor ainda do recente Robô selvagem). (RD)